



## UM NOVO CAMINHO AFS

Neste sábado, 30 de Julho aconteceu uma reunião em nossa amada cidade muito aquém do que se espera em uma reunião de voluntariado do AFS. Mudando um pouco a tônica milenar de sempre apresentar as boas coisas do órgão e tentar o convencimento das famílias e voluntários em apenas dedicar seu tempo e também – claro – dinheiro para o bem da instituição, houve, e isto é o mais importante para o bem de todo o debate de que TUDO TEM QUE MUDAR.

Eu, infelizmente não pude estar presente neste delicado e acalorado encontro, mas minha família esteve representada por minha esposa que calorosamente recebe estrangeiros em nossa casa e os trata como se filhos fossem; com amor, carinho e algumas reprimendas também, e também nosso filho Igor que recentemente retornou de intercâmbio anual na Rússia. Valente guerreiro abriu as portas douradenses para aquele país que contrabalança o mundo contra o domínio norte-americano.

Posso aqui relatar por inúmeras páginas seu excelente experiência na imensa Rússia, com todo o suporte que recebeu, o carinho das famílias que conheceu, os amigos na escola, das professoras, daqueles que até mesmo em lojas em sua cidade o paravam para perguntar sobre o Brasil, mas como isto não é o foco aqui, me resigno apenas a comentar estas pequenas linhas e para saber mais sobre isso – se houver curiosidade – acessem o site do Grupo Baikal, livro “Três Reencontros” – que retrata nossa visita à sua família - e outro que ainda não está disponível e trará futuramente toda a experiência do Igor neste ano maravilhoso que passou.

O foco aqui é; Precisamos mudar várias coisas no AFS para nos mantermos fortes.

Muito bem, decisão unânime tomada é hora de apresentar os tópicos para mudanças:

- a) **PRECISAMOS SER CONHECIDOS:** Claro, não adianta o órgão ser maravilhoso, se não houver divulgação, precisamos apresentar ao mundo de Dourados nossos maravilhosos filhos que tiveram a coragem de poucos e foram para lugares diferentes, precisamos informar ao mundo de Dourados da estadia de nossos novos filhos que deixam seus lares e vem nos conhecer e nos amar também passando um ciclo conosco;
- b) **PRECISAMOS DAR RESPONSABILIDADES:** Claro, novamente esta palavra e para que fique impressa em nossa mente. Nossos novos filhos chegam e adoram logo de cara este país (com todos os seus problemas – que sina) mas nossa cidade pequena e importante tem um jeitão acalorado de hospedar (conforme página 2 Dia a Dia Jornal o Progresso 18.07.2016 e Correio Braziliense de 13.07.2016) e nosso coração também é de nosso novo filho, que chega sem conhecer nada, com um monte de expectativa e dúvidas mas que se enturma e logo é cidadão douradense. Desta forma temos



que dar a eles um tempo útil para que possam se inteirar ainda mais de nossa hospitalidade, como participação em academia, aulas de português e outros;

- c) **PRECISAMOS APOIAR AS FAMÍLIAS:** Como? Dando responsabilidade para as famílias também. Não podemos a cada copo sujo na pia correr atrás do presidente do AFS local para resolver a situação. O menino ou menina que está em nossa casa é – teoricamente – nosso filho e deve saber como funciona a casa e as tradições da família que agora é sua família. Aqui a culpa é das famílias mesmo, não vamos colocar essa responsabilidade em ninguém mais. *Em casa se resolve as coisas de casa.* Se você admitiu recebê-lo mantenha-se firme nesta decisão e dê seu melhor;
- d) **PRECISAMOS AGRADECER AS FAMÍLIAS:** Isto penso que é o mais importante pois sem as famílias hospedeiras, nada de intercambistas, nada de voluntários, nada de presidentes, nada de AFS, nada de tudo isso que resumidamente tem como base sustentável a família. Assim como criamos e educamos nossos filhos naturais também ajudamos da mesma forma a criar e orientarmos os intercambistas para uma vida de sucesso. Isto não é ideologia, simplesmente é o que acontece e parece que os estudiosos do AFS não estão percebendo isso. Quantas famílias em Dourados hoje estão dispostas a hospedar? Cinco, seis, nada mais que isso. Uma vergonha para um projeto tão grandioso como esse de unir e integrar culturas ao redor do mundo. Choramos quando eles chegam, todos encabulados, todos envergonhados e são recebidos com um abraço meio que vergonhoso. Choramos quando vão embora, e choramos de verdade onde percebemos toda a mudança que um ciclo em nossos lares proporcionou ao estudante e nos despedimos com um abraço longo e apertado. Choramos quando falamos com eles via whatsapp, quando falamos com eles via celular, quando falamos com eles via skype e choramos ainda mais quando os encontramos novamente com suas famílias naturais e seus pais nos dizem “*obrigado por ter ajudado meu filho na sua formação. Ele retornou para casa um homem feito*”. Ouvimos isso duas vezes na Itália, tanto da família do Pieter-Jan quanto da família da Valentina. E choramos toda vez que nos lembramos disso.
- e) **PRECISAMOS RECONHECER O TRABALHO DAS FAMÍLIAS:** Continuando no mesmo pensamento do item anterior, a família é tudo. É tudo mesmo, não se esqueçam disso. Ela abre as portas de sua casa para uma pessoa estranha, dá carinho, amor, despense seu tempo em favor do aluno, leva e traz, apóia, explica, mostra o novo mundo, ri, chora, briga, leva ao hospital, leva à escola, muitas e muitas tarefas são realizadas por todos os envolvidos numa família unida, inclusive até deixam muitos afazeres para atender o novo filho. E o que ganham com isso. Uma experiência fantástica, é claro. Mas isso não basta, precisamos alimentar a família de reconhecimento ou mesmo de agradecimento. E isto é coisa rara no mundo de hoje.



- f) **PRECISAMOS FORTALECER OS COMITÊS LOCAIS:** É muito bonita a missão mundial de integrar as nações, as culturas, as pessoas, mas antes de tudo isso, temos que fortalecer os comitês locais. Assim, sendo forte eles conseguem fazer um trabalho no seu próprio terreno e ser reconhecido merecidamente pela comunidade em que está inserido, reconhecido pelas pessoas e forte para mostrar a todos um trabalho digno da missão de integração e união.

Talvez eu seja um ideólogo e tenha cometido muitas falhas nos itens acima, mas tenham um pouco de percepção e acompanhe as famílias mais de perto. O que está acontecendo? Já se fizeram esta pergunta? Se já então já perceberam que não estou sendo dramático ou ideólogo, mas apenas apresentando em poucas palavras o que está acontecendo e o caminho que este sistema atual está trilhando. A família, base de tudo, está desaparecendo.

Conheço o AFS por pouco tempo, talvez por mais de quatro anos apenas ou nem isso e aqui em Dourados já estamos no terceiro presidente e todos se cansam demasiadamente, afinal “lidar com gente não é fácil”.

Quando conheci o AFS a então presidente Vânia, já há vários anos fez um trabalho maravilhoso, mas cansou e afastou-se por vários motivos. Depois veio o Marcelo, um estudante cheio de boas intenções e também de muitas tarefas com sua faculdade e então o enchemos de tantos questionamentos e exigências que logo também cansou. Agora a presidente é a Marli, que está aprendendo e tudo é novo, está cheia de intenções maravilhosas, mas se não tiver o apoio do comando central e das famílias se cansará logo também e um vazio se abrirá.

Podemos também falar dos voluntários que cheios de boas intenções deixam seus afazeres para atender as famílias, correr atrás de escolas, promoverem eventos, entre outros e o que ganham?

- Experiências apenas.

Senhores, não é segredo para ninguém que o custo do programa para a família do intercambista é elevado e para onde está indo parte deste valor? Talvez para eventos especiais e lindos em locais chiques que também valoriza quem despense seu tempo com o projeto, mas as famílias estão desaparecendo e daí não tem importância eventos bonitos. Precisamos reconhecer as famílias, precisamos reconhecer os voluntários do AFS, precisamos fazer o que pregamos. Afinal, como base de empresas ou mesmo órgãos norte-americanos “façam o que digo, mas não o que faço”. Não queremos acreditar que o AFS, criado na espetacular Europa mas infelizmente guiado pela ideologia norte-americana não consiga montar um programa que valorize aqueles que lhe dão lucro.

Algumas perguntas ainda não estão respondidas.



O AFS reconhece as famílias que hospedaram e que continuam nesta caminhada? O AFS reconhece as pessoas que fizeram coisas diferentes buscando divulgar o nome da entidade? O AFS reconhece quem escreveu sobre suas experiências dando ênfase a multiculturalidade? O AFS reconhece seu quadro de voluntários que deixam seus lares para atender exigências das famílias ou dos estudantes?

Desta forma precisamos valorizar esta coisa maravilhosa que é o lema “levar a paz a todo o mundo” e isto passa pela coragem de jovens que deixam seus lares em busca de um ciclo inédito em suas vidas, passa pela coragem de famílias que recebem estranhos em suas amáveis casas e que logo se tornam filhos para toda a vida.

O AFS precisa mudar e mudar com amor, com o mesmo amor que há no seio da família. O AFS precisa ser um órgão que dá valor a tudo isto. O AFS precisa ser um elo de apoio a tudo isto, precisa ser mais presente, precisa ser um órgão que faz o que diz.

Sei que todos estão dispostos a ajudar um pouco e isto pode ser tornar muito, afinal sem as famílias, como já dissemos anteriormente, o AFS não é nada e tudo fica muito distante de se concretizar.

Walter Veroneze

02.08.2016